

O dia em que eu contei a minha história ...

Ainda me lembro de tudo, de todos os pormenores, de todos e quaisquer aspetos que me fizeram sofrer e todos os dias faço sempre a mesma pergunta: “Porquê, Deus? Porquê? Qual a razão deste sofrimento?”.

Todos os dias finjo que está tudo bem, mas não está. A minha família sabe que eu mudei após aquele dia, sempre me aconselharam a falar com alguém, mas com quem? Não existe ninguém que me entenda! Ainda me lembro das diversas discussões que tive com Maria, a minha mulher.

Maria – José, tu precisas de falar com alguém, mesmo que não seja comigo. Tu precisas de ajuda! - disse a mulher já cansada e saturada.

José - Com quem eu falaria, Maria? DIZ-ME! Não existe ninguém que me compreenda! Ninguém entende o que eu passei! NINGUÉM! – disse já farto desta conversa, aborrecido e triste consigo próprio.

Foram várias as vezes que pensei em falar com alguém, mas nunca tive coragem, talvez hoje isso mude. Ainda não acredito que vou falar com alguém acerca daquele dia, das minhas memórias. Como é que irei falar? Descrever o que vivi. A resposta é simples - “Não sei” -, mas isso já sabia há muito tempo.

Para mim, a ideia de falar com alguém acerca do que vivi é inacreditável, não sei o que fazer, o que pensar, o que dizer, o que sentir...

Estou agora na sala de espera do consultório, aguardando pela minha vez de ser chamado, para falar com alguém, expor-me como nunca me expus antes.

A minha filha mais velha, Maria Eduarda, veio comigo para me apoiar, dar-me coragem, porque ela sabe muito bem que eu preferia morrer, em vez de falar do que vivi.

Filha - Pai, vai correr tudo bem. Não tens de te preocupar. – diz a minha filha calmamente, transmitindo-me segurança e esperança.

José - Como não, querida? Nunca falei com ninguém acerca daquilo, não sei como agir, o que dizer, o que fazer, eu não sei. – digo isto triste e desanimado.

Administrativa - José Figueiredo, consultório 27.

Filha - Boa sorte, pai! – diz ela.

José - Sim, boa sorte. – digo sem ter certezas do que aconteceria a seguir...

Aqui estou, sozinho, a ganhar coragem para ultrapassar os meus medos, como a minha filha disse “Boa sorte, pai!”, vou seguir o seu conselho, entrar e, finalmente, enfrentar as memórias que me prenderam ao longo de todos estes anos.

Médico - Boa tarde, senhor Figueiredo, o meu nome é Paulo Almeida e irei ser o seu médico daqui em diante. – disse-o com um sorriso estampado na cara.

José - Boa tarde, doutor, e muito obrigado por me receber. – respondi calmamente.

Médico - Não tem de me agradecer, fico contente com a presença de um dos muitos heróis portugueses e de o poder ajudar, é claro. – disse o médico, feliz.

José - Herói! Herói não sou! No passado, fiz coisas que ninguém perdoaria. – manifestou-se triste e pensativo.

Médico - Ora, não diga tal coisa! O senhor fez o que fez pelo nosso país. – disse o doutor tentando fazer-me mudar de ideias.

José - Infelizmente, fiz, Dr., infelizmente, fiz.

Médico - Passemos à frente para dar início à consulta. Como é que se anda a sentir nestes últimos dias?

José - Cansado, triste, desanimado... - com um tom inexpressivo.

Médico - E porque se sente assim? – questionou o médico.

José - Por causa de tudo o que fiz naqueles anos, por causa de tudo. – com uma vontade crescente de desistir.

Médico - Quando diz “naqueles anos”, refere-se a quê?

José - Refiro-me aos tempos em que estive na guerra. Naquela terrível guerra! Ainda me lembro como se fosse ontem o dia em que fui chamado.

Médico - E como você descreveria esse dia a que se refere?

José - Triste, pois eu tinha tudo até aquele devastador dia, que acabou com a minha vida. Ainda me lembro das lágrimas nos olhos da minha família. A imagem da minha mulher a abraçar a nossa filha, enquanto chorava, ficou marcada para sempre na minha memória. - começou a chorar.

Médico - Esse dia afetou-o muito pelo que diz. Diria que essa é a causa do seu sofrimento?

José - Sim, esse dia fatídico foi a causa do meu sofrimento até hoje. - continua a chorar.

Médico - Sabe o dia em que foi chamado para a guerra?

José - Sim, lembro-me perfeitamente, foi no dia 8 de maio de 1968.

Médico - Poderia falar-me sobre as suas vivências durante a guerra? Para onde foi? Em que posição ficou?

José - Eu e muitos outros homens que conhecia fomos destacados para a Guiné. Integrei o Batalhão de Comandos da Guiné, cada um de nós tinha uma missão a cumprir. Eu sempre considerei a minha missão um crime contra a Humanidade, mas o que eu podia fazer, uma vez que era um simples soldado raso, sem qualquer autoridade? Para muitos, a missão a

cumprir era fácil, mas, para mim, não o era. Como é que eu seria capaz de realizar uma operação de apoio à “paz” ou impor a dita “paz”? Nem sequer se sabia o que era paz naquele tempo!

Médico - Alguma vez teve de impor a dita “paz”?

José - Mais vezes do que eu possa contar pelos dedos.

Médico - Essas mortes marcaram-no muito, não é verdade?

José - Está certíssimo, Dr. Culpo-me todos os dias pelo que fiz: matei soldados, homens, mulheres, mas as mortes mais hediondas foram as das crianças, que não tinham culpa de nada, e foram assassinadas só porque estavam do lado do “inimigo”. Após todas aquelas mortes, sempre pensei que não era digno de viver e tive e tenho vontade de desistir, pois retirei vidas injustamente. Todas as noites, enquanto “dormia” no acampamento, era sempre atormentado pelos mesmos pesadelos. - começou a chorar de novo compulsivamente.

Médico - Quais são esses pesadelos? - entrega-lhe uma caixa de lenços de papel para limpar as lágrimas.

José - Todos os “homicídios” que cometi, - murmurou indignado - todas as vidas que sacrifiquei, enfim... Sabe o que os meus superiores me diziam quando eu falava sobre os meus pesadelos? Que as vidas dessas pessoas eram insignificantes e aquilo que eu fiz foi por um bem maior. Mas que bem? Quem é que define o bem e o mal? Os que estão sentados nos gabinetes? As pessoas que governam este maldito país? Foram muitas as vezes aquelas em que desejei ter morrido na frente de combate ao invés de voltar para casa. Quando regresssei a casa, receei que a minha mulher e a minha filha me vissem como um monstro que matou pessoas inocentes, só porque recebeu uma ordem de um superior. O que elas pensariam de mim? A minha mulher acabaria com o casamento e eu ficaria para sempre sozinho, apesar de ser consagrado pela Santa Madre Igreja.

Médico - E quando regressou a Portugal, como é que se sentiu?

José - O que eu senti... - coça o queixo - sentia-me culpado, porque estava de volta a casa e junto da minha família, enquanto as pessoas às quais tirei a vida nunca mais poderão voltar para casa e para as suas famílias.

Médico - Lembra-se do dia em que voltou para Portugal? Quando regressou a casa?

José - Infelizmente, lembro-me... - com um semblante inexpressivo - regresssei a Portugal no dia 12 de agosto de 1971. Permaneci na Guiné durante três anos, dois meses e quatro dias. Durante esse tempo, sofri como nunca tinha sofrido antes.

Médico - Qual foi a reação da sua mulher e filha quando regressou?

José - Elas estavam felizes por me verem, quando a minha mulher me viu veio a correr abraçar-me e a única coisa que eu conseguia fazer era chorar e pedir-lhe desculpa pelo que tinha feito na guerra e de as ter abandonado.

Médico - A guerra realmente destruiu-o?

José - Sim, Dr., a guerra destruiu a minha vida e tudo o que tinha “foi por água abaixo”.

Médico - Como é que se sentiu todos estes anos em Portugal?

José - Culpado, cansado, triste... Eu sempre pensei que pudesse ultrapassar tudo, mas eu queria enganar quem? Os pesadelos continuaram a atormentar-me, ao longo das noites, embora variassem de noite para noite. Foram várias as vezes que pensei em desistir, desistir de tudo. Sempre pensei que eu era “uma pedra no sapato” na minha família, que estava a privar a minha mulher de uma vida mais tranquila e ficaria melhor sem mim e sem o meu sofrimento. Não sei como é que ela aguentou ficar comigo todos estes anos. Apoiou-me, incondicionalmente, e a única coisa que eu fazia era afastá-la, por pensar que ela não me compreenderia ou amaria, novamente.

Médico - Ainda pensa assim? Que a sua mulher não o compreende? Que não o ama?

José - Eu também gostaria de saber, contudo, ela já morreu há alguns anos e não me perdoou, por isso, mais um aspeto a adicionar à minha culpa crescente.

Médico - Eu acho que podemos acabar a consulta de hoje. O senhor precisa de descansar. Adeus, senhor Figueiredo.

José - Adeus, Doutor.

Consegui! Finalmente, consegui: falei e expus-me! A minha filha vai ficar tão orgulhosa de mim quando me vir, mas onde é que ela está? Onde é que está a minha filha?

José - Maria? MARIA? - aflito - Onde estás, querida?

Enfermeira - Senhor Figueiredo, acorde. Está tudo bem, é só um pesadelo.

José - Onde, onde é que eu estou? - atordoado - ONDE ESTOU? Quem é você?

Enfermeira - Sr. Figueiredo, - com uma voz calma - o senhor está no hospital, está tudo bem, eu sou a sua enfermeira.

José - Porque, porque que é que eu preciso de uma enfermeira? - perplexo - Porque é que eu estou aqui? Onde está a minha filha?

Enfermeira - Sr. Figueiredo, você precisa de uma enfermeira, porque está internado no hospital e a sua filha morreu há dois anos. Agora descanse, pois daqui a uma hora tem consulta com o Dr. Paulo Almeida.

José - O que se está a passar? Não, não, isto não foi só um sonho, não pode ter sido! Será que a minha vida toda foi uma mentira? Será que o que eu vivi não foi real? “Porquê, Deus!

Porquê? Qual a razão para o meu sofrimento?”.